



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

P Á S C O A

Acabo de ler no derradeiro número de O GAIATO a reflexão de Padre Abel. Ontem assisti a uma lição de um professor de Economia, lição dirigida a cristãos, menos para lhes ensinar a sua ciência do que para os fazer pensar sobre a realidade que nos envolve, da qual todos somos actores e vítimas. E de já muito ter pensado, fiquei agora mais fundamentado para continuar pensando que a chave da nossa libertação do perigo iminente de bancarrota está nas mãos de todos nós. Apetecia-me mesmo dizer está só nas nossas mãos, porquanto, em condição de liberdade, não há medidas técnicas ou políticas capazes de eficácia sem uma profunda e real adesão dos cidadãos a uma austeridade autêntica, que não essa de que já se ouviu falar muitas vezes e não passa de palavra vazia de conteúdo.

Contaminados pelo vírus do consumismo, habituámo-nos a viver acima das nossas posses. Um clima social propício à proliferação de falsas concepções de liberdade, desencadeou vagas de egoísmos individuais

e de grupos que degradaram a produtividade do nosso trabalho e têm retardado o processo de distribuição mais justa de bens por todo o Povo.

O fenómeno económico é implacável. Por si mesmo, ele tende em cada momento a tornar mais poderosos os fortes e mais débeis os carecidos dos bens fundamentais. As suas leis constituem uma teia emaranhada que nem os especialistas conseguem decifrar até às últimas consequências, um nó-cego talvez impossível de desembaraçar. Nem sei se não serão os economistas os mais descrentes das suas técnicas face à sua impotência no dominar dos acontecimentos. Equacioná-los é estabelecer um sistema de tantas e tão surpreendentes variáveis que fácil é caírem em declives que conduzem à indeterminação. Não é o a que temos assistido?!

Afinal a realidade talvez seja mais simples; e mais hábil para a solucionar o senso-comum das gentes. No fundo, cada Povo tem de inventariar os seus recursos e as suas necessidades prioritárias e procurar,

num máximo de autonomia, o equilíbrio entre uns e outros; e assumir o trabalho e os sacrifícios que tal equilíbrio implica.

Cont. na 3.ª página

Mais um recado aos Assinantes de «O GAIATO»

Quando comunicar com a Administração de O GAIATO — ou indirectamente com as Casas do Galato — seja por carta, postal, vales de correio, etc., por mor das anuidades, mudanças de endereço ou outros assuntos ligados à expedição do Jornal, faça o favor de indicar claramente o seu nome, número de assinante e endereço tais quais vão marcados no exemplar que recebe regularmente. Obrigado.



A Mensagem Pascal gravada, para sempre, no belo cruzeiro da nossa Aldeia, em Paço de Sousa: *Cruz stat dum mundus volvitur — «Tudo passa, só a Cruz permanece».*

Reflectindo

Avizinha-se a celebração da Páscoa. Os cristãos são convidados, nestes dias que a precedem, a terem um cuidado especial com o aprofundamento da sua fé e a uma maior vivência da mesma. A vida de cada homem vai-se resolvendo no meio das maiores contradições. A sede de Absoluto que cada um transporta dentro de si, quer tenha ou não consciência disso, não é satisfeita nesta Terra, onde tudo é relativo e onde a nossa esperança é a cada passo posta à prova.

A Esperança a que o Senhor nos convida, através de toda a Sua Palavra, tem que ser procurada neste Mundo, que, às vezes, parece efectivamente um vale de lágrimas; mas onde nem sempre é fácil sentir a Ressurreição. E esta não deve ser uma vivência apenas do Domingo de festa, rodeado de música, foguetes e alegria, mas deveria trazer-nos o seu impacto para o viver de todos os dias.

Quem não sabe como é difícil sentir a Ressurreição nos dias cinzentos, ou senti-la por cima do peso da cruz?

Quem não sabe como custa a caber, na nossa pequenez, na nossa fragilidade, a grandeza do Absoluto de Deus?

Neste lugar onde estamos, sentimos, na sua nudez, muitos dos matizes do sofrimento humano. Tantos e tão variados são os dramas que batem à nossa porta! Tantos que não apenas batem, mas que continuam a viver no coração daqueles que aqui vieram procurar a família que a vida lhes roubou. São portanto aqui sentidos, de uma forma especialmente nítida, os fortes contrastes da vida, a dura realidade do viver humano.

É na sua existência concreta, aqui e agora, com as circunstâncias que a vida oferece, que cada cristão deve celebrar a Alegria da Páscoa, mesmo que isso tenha como exigência o esperar contra toda a esperança.

Neste aproximar da Páscoa, queríamos ter uma palavra amiga, especialmente amiga, para aqueles que muitas vezes vão comungando connosco os

Cont. na 3.ª página

NOTAS DA QUINZENA

Os donativos que mandaste para a viúva com os filhos diminuídos foram entregues. Evitámos que lhes fosse tirada a casa pois as rendas ficaram em dia. Mas não podemos imitar o homem rico — da Escritura — que tendo os celeiros cheios se deliciou no balanço da rede com o abarrotar dos mesmos.

Todos os dias a comida, que um grupo de cristãos está dando. Todos os meses a renda, que nós vamos pagar com as migalhas que mandas.

Mais difícil se torna o internamento dos dois rapazes com 19 e 20 anos. Onde? Os Centros de reeducação e aprendiza-

gem para diminuídos supõem estrutura familiar capaz de deslocações e um elemento da família disponível para o acompanhamento.

Que falta nos fazem Centros adequados a estes casos que são tantos... tantos!

Mais uma vez na rua da Vitória. Uma das nossas visitadas foi abandonada pelo marido e vive com dois filhos-meninos na cave do prédio — encostada aos canos de esgoto. «Passamos fome!...» Acredito. E frio. Vi no seu rosto. Um rosto sem esperança. Sem razão de viver.

Sua irmã prostituiu-se. Pois...

Seus sobrinhos e filha pedem pão.

Na morada do Pai há lugares de honra para muitas prostitutas.

Ressurreição sinal de Vida contra todos os sinais de morte que afligem a pobre Humanidade.

Também ela o maior sinal e fonte da nossa esperança.

Os Apóstolos viram, ouviram e foram testemunhas. Nós temos — pelo dom da fé — a certeza. Acreditamos.

Sejamos testemunhos vivos e sinal:

Pela nossa fé vivida em plenitude.

Pelo amor aos Outros.

Pela pobreza e desapego dos bens.

Pela alegria e verdadeira paz — filhas da nossa fé no Senhor Ressuscitado.

Testemunhas no tribunal da vida, no palco da rua — perante tantos Irmãos sequiosos de bem.

Padre Telmo

PALAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

OS MAIS REJEITADOS — Na nossa Casa temos um grupo deles, para quem as letras custam muito. Não seriam crianças para estarem nas Casas do Gaiato, se outro sítio as acolhesse...

Para aliviar os professores que nos dão, tivemos que conseguir — à nossa custa! — uma professora que se entregasse de alma e coração, coisa que é hoje um achado. Só quem nos conhece e ama estes Rapazes, é capaz de suportar tamanha missão.

São os mais rejeitados; e, por isso, os mais necessitados. A sociedade nem sempre compreende assim. Custa muito aturar. Não há gente preparada. É verdade que só por amor! Só vendo neles os nossos próprios filhos, já que somos tanto humanos como divinos. Cristo está neles; mas nós fugimos de Cristo! Nós queremos que eles não fiquem inúteis. A sociedade, mesmo sem trabalhar no sentido de evitar que os haja, não os aceita, se eles aparecem. São estorvo...

Nós temos que pagar a uma professora, para que não tropeces neles?!... Eis a verdade nua e crua!

HORA DE ORAÇÃO — A Comunidade reza e Terço no refeitório, com a lareira acesa, e sr. Padre Acílio, de roda dela, seca a roupa do braço, molhada na lavoura. Está triste. Eu adivinhei a sua tristeza: Naquele dia tinha ido embora a D. Amália, uma das senhoras da nossa Casa. Já estávamos desfalcados..., agora pior! Só resta a senhora Conceição, que veio tomar conta da vacaria e tem sido pau para toda a colher! Ela bem quer chegar a tudo, mas não pode... É mãe de dois filhos, e gostaria de ser dos nossos rapazes. A carência de mães para eles é grande! Não basta tê-los... O aconchego feminino é indispensável numa família. Nós queremos sê-la dentro do possível.

Aqui está: temos estes lugares abertos, à espera que alguém venha ocupá-los. Não há concursos. Quem vier, que traga as virtudes do amor e da paciência. As mães são precisas como o pão para a boca! Quem está disponível?...

TURBULENTOS — Luís Henrique, mais outro que também se chama Henrique foram ao dentista. O Rui, mais velhito, foi tomar conta, por via de serem muito turbulentos. Salgam quem lida com eles... São da escola especial. O pequenito «guarda» não conseguiu que os dois Henriques deixassem de fazer das suas no dentista — que nos atende de graça. Rasgaram revistas e não sei que mais. São turbulentos!

Já foram piores. Hão-de melhorar, se os conquistarmos pelo amor, ensinando-os e corrigindo-os pacientemente.

É mais uma achega às senhoras disponíveis. Vem vê-los. Olha para a Cruz. Se queres ser cireneia, pega-lhe — e tem a certeza de que o olhar de Cristo dirá o que tanto desejas d'Ele.

Não temos meninos-bem, mas da rua — do deus-dará. Não queremos meninos bonzinhos, sim «os mais repelentes» — como aconselha Pai Américo.

MARINHO — Estava a carpintear na casa três. Entra o Marinho, ex-rei da Casa. Pergunto se não ia varrer as ruas. Que não; «F. rachou-me a cabeça, não posso trabalhar».

Está frio. O «Té» recolhe-se. Arranja um pretexto para fugir da obrigação. Eu advirto, pois já o tenho visto a trabalhar, entusiasmado, junto dos outros. É natural esta fuga prò pé de mim... Ainda o vejo com a coroa de rei..., apesar do reinado ser já do Lúcio!

Ernesto Pinto

IMPANNA NO CORVO

FÉRIAS — Aproximam-se as férias da Páscoa. Todos nós sabemos o que significam estes dias que antecedem a grande festa da Ressurreição do Senhor.

Muitos já fizeram os seus planos para as férias; outros já compraram amêndoas; e outros, ainda, já encomendaram os seus bolos, etc.

Nós também já fizemos alguns planos que vão desde a agricultura à preparação das nossas Festas — e muitas outras ocupações.

AGRICULTURA — Alguns dos nossos mais velhos andaram, alguns dias, a podar as nossas árvores para que dêem frutos bons e em maior quantidade. Houve a preocupação de escolher os mais experientes e mais responsáveis.

O trabalho foi mais uma escola onde aprenderam a tratar a Natureza para que produza mais e melhor.

As nossas batatas começaram a ser semeadas. A vinha já está. Começamos por fresá-la com o tractorzito. Nas terras junto à vinha, foi o tractor grande a lavar e a fresar e a acarretar e estrume para tornar a terra mais fértil.

Depois, na abertura dos regos, pensamos que o boi serviria; mas depressa se cansou; utilizámos, outra vez, o tractorzito. A seguir, todos os mais capazes tomámos parte no trabalho. Os mais novos com baldes e latas punham o adubo e as batatas. Por último, os mais velhos, com enxadas, tapavam os regos. Souberam bem esses dias de trabalho! Sabemos que, no fim, o seu fruto será o pão-nosso-de-cada-dia. E que bem que sabem as nossas batatas com o nosso azeite — fruto do nosso trabalho!

Seria bom que também todos tivessem uma quinta ou um quintal; e que, como nós, semeassem as suas batatas e outras coisas!...

Como já referimos noutra crónica, as videiras foram podadas e atadas com vimes. Depois deixámos alguns bacelos por enxertar na vinha nova. O João mais o Martins ocuparam-se do trabalho que, graças à sua experiência, executaram facilmente, sem grandes custos.

GADO — Os nossos currais são,

de vez em quando, animados com o nascimento de vitelos ou vitelas. É engraçado vê-los, pequeninos, a tentarem dar os primeiros pinotes, o que constitui momento de regozijo. Agora, mais uma vaca está para ser mãe e esperamos o filho para rever a novidade.

FESTAS — Uma das coisas que nos dá mais trabalho é a preparação das nossas Festas, quer sejam os ensaios, a preparação das roupas, etc... Este ano, para alegria de todos, as Festas estão a tornar-se uma realidade. Depois de um princípio em que estávamos entre o sim e o não, estamos agora mais inclinados para o sim, o que nos leva a estar reunidos até altas horas da noite para organizarmos o programa, tendo-se já arranjado alguns números e pensado na sua preparação e encenação. Desejamos que os números escolhidos, no caso das Festas se concretizarem, sejam do agrado dos espectadores.

VISITAS — A nossa Casa tem sido pouco visitada nestes últimos tempos! Além dos familiares de alguns dos nossos, de um ou outro visitante costumeiro, raros são os Amigos que nos visitam!

Todos gostamos de receber visitas, mostrar o nosso modo de vida e convidá-los a estar um pouco connosco, desfrutando da nossa alegria.

Vinde, pois, que vos receberemos com alegria.

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

PÁScoa — A grande festa da Páscoa aproxima-se.

Só o cristão pode compreender e entrar nos mistérios deste tempo de reflexão, acerca do momento culminante de toda a doutrina cristã.

Em nossa Casa já começamos a preparação de novos cânticos para as cerimónias; os quais, na verdade, em certos dias, também ajudam muito noutras celebrações.

Aguardamos o acto da Reconciliação para nos libertar-nos de tudo aquilo em que falhámos. E, com toda a força e fé, iremos pedir perdão a Deus; e que nos dê mais coragem e força de vontade para atravessarmos todas as dificuldades do nosso dia-a-dia e, no caso presente, em proveito da festa da Páscoa.

DESPORTO — A nossa formação já se encontra restabelecida, depois da paralização registada por certos problemas que afectaram o nosso sector desportivo. No entanto, esperamos que todos compreendam os pontos revistos e nos ajudem a fazer do Desporto a verdadeira festa que merece.

ESCOLAS — O segundo período de aulas está prestes a terminar e todos preparam, já, a sua atenção para o difícil terceiro período, em que alguns vão debater-se com mais dificuldades.

Os mais afectados que façam uma

breve reflexão, consigam atingir o fim e possam, assim, tirar o máximo proveito do esforço despendido durante o presente ano lectivo.

LAVOURA — A Primavera está à porta e é a altura propícia de falarmos um pouco da lavoura da nossa Aldeia.

A sementeira da batata já se iniciou e aguardamos poder colher bons frutos do árduo trabalho, que a sementeira de vários campos é feita de baixo do sol quente que já se faz sentir.

A poda das videiras já terminou. Agora é a poda das árvores que dão sombra à avenida principal da nossa Aldeia, para que, na Primavera e Verão, possam oferecer não só frescura como o rico espectáculo da sua floração.

O nosso gado é outro espectáculo de rara beleza! Uma cabrita nascida há pouco tempo, desperta a atenção de todos nós. É um encanto vê-la na mata, aos pinotes, toda satisfeita, no meio de tanta verdura que a rodeia e a torna mais alegre.

Esperamos que a Primavera nos traga tempo propício para podermos realizar todos os nossos planos neste tão rico sector da nossa vida.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A Madalena que casou burocraticamente, há muito tempo, «p'lo civil, por procuração...», sem nunca conhecer o marido, vai regularizar a situação, «desfazer o mal... que me fizeram...»

Os funcionários do Registo Civil confirmaram que «ele está vivo».

Pede ajuda. Mandamos, então, um breve cartão ao Delegado do Ministério Público — na qualidade de recoveiros dos Pobres — invocando que, apesar da nossa ignorância das leis, os trâmites da Justiça poderiam ser grátis e ela daria os pormenores da questão.

— O senhor doutor foi atencioso. Inté pôs o cartão assim, ô alto, em cima da mesa!

E cheia d'alegria, continua: — S'eu nunca vi nem conheci o home...! Que tramóia m'arranjaram...!

Acontece às Madalenas!

— Ele vai resolver o assunto. Mas tenho de levar um atestado da Junta. Depois..., chama um advogado e não pago nada!

Alegre que nem um sino, adianta mais:

— O senhor doutor gostava d'o conhecer...

— A nós!?!... Não é preciso, mulher!...

O jurista não lhe disse expressamente, mas subentendemos: Além do inédito da questão, a sua curiosidade estaria no facto de nos identificarmos como recoveiros dos Pobres — e lembrarmos benefícios que a lei lhes confere.

Entretanto, pelo telefone, não dei-

xámos de abordar o magistrado, agradecendo a atenção dispensada. Foi muito simpático!

— Não têm de quê... Estamos com muito serviço..., mas procuramos atender todos...

O espírito de serviço manifestado por este homem de leis, dignifica os responsáveis do Ministério Público!

● É muito doente e já na curva da vida.

— Não; não m'aganto nas pernas!... Vive sozinha, sem amparo de ninguém!

— Tenho dias que nem faço de comer...! — lamenta-se a pobre mulher.

● O cireneu também esclarece a miséria e, depois, vai para a sua vida. Mas a mulher continua a desabafar:

— Sou tão doente...! Não tenho família...! Q'ando preciso sair, só de carro; só de carro...! Não m'aganto nas pernas!...

Ouvimos. Ouvimos até o que omitimos, minutos seguidos — o drama da solidão! Por fim, ela mesma sugere:

— Eles não me darão um subsídio por não ter quem olhe por mim?...

— Eles... quem?!

— Sou reformada da Casa do Povo. O que me dão nem chega p'ra comer! E sou tão doente!...

Abordámos os serviços competentes.

— Ela precisa, sim senhor. Sabemos quem ela é. Tem direito. Vamos já fazer o requerimento.

A velhinha limpa as lágrimas e entra mais feliz em sua casa — «graças à Senhor, nosso Deus!»

Outros não diriam assim... Ela, porém, fala a linguagem dos santos anónimos. Linguagem pacífica. A linguagem do Céu!

PARTILHA — «Para enxugar uma lágrima», 700\$00 do assinante 13305 — de Vila Nova de Gaia. Que bem! Conhece a dor dos Outros...

Porto, assinante 22984, remanescente de contas com O GAIATO. «Lecista da Figueira», 200\$00. Cheque de Santa Cruz do Douro — com a amizade de sempre. Assinante 10458, de V. N. Gaia, põe a anuidade em ordem e o resto é para os Pobres. «Uma portuense qualquer» manda a miga-linha do costume «acrescida um pouco mais por alma de uma pessoa de família». Que Deus lhe dê o descanso eterno.

Mais 200\$00 da Rua do Covelo — Porto. Cinco vezes mais da assinante 5677, da Lusa-Atenas, «para um mosaico da moradia da Viúva referida n' O GAIATO. Eu também sou Viúva»...

Atenção! Vem lá uma «Anónima muito velhinha» com 3.000\$00 e uma invocação:

«Com todo o amor e carinho, esta mais que modesta oferta será para o que mais necessitarem. Não esqueças inúmeras aflições da Conferência...»

Agradecemos logo, pelo nosso punho, a modesta oferta desta Anónima, já inscrita no Livro da Vida — onde nada se apaga.



A Família cresce

Uma prova de vitalidade da Obra da Rua!

O certo é que nem todos dão notícias; menos, ainda, imagens dos mais solenes momentos da sua vida, integrados na sociedade. Se no-las dessem..., O GAIATO já de si pequenino nem sempre teria espaço para mostrar esta faceta da nossa Obra — **fazer de cada rapaz um Homem** — testemunhada nas imagens que revelamos!

São deles já emancipados,

que terminada a sua formação integrada — e não fugindo aos naturais sacrifícios conjunturais — organizam seriamente o seu lar e, no Altar, selam o vínculo do Sacramento do Matrimónio — grande Sacramento na expressão de S. Paulo.

São deles, d'alma cheia, que enviam retratos dos filhos — netos da Obra da Rua — com ternura sem fim, embevecidos pela graça inocente das crianças, carne da sua carne, e pelo gosto que ora têm..., já que o Mundo lha recusou, mas a Obra da Rua supriu e, hoje, são homens dignos, não já «Lixo das ruas». Quantos, verdade seja, tão pouco conheceram os pais; ou eles, de pobres ou carenciados, jamais poderiam dar-lhes outra hipótese que não fosse a **escola da Rua...** mai-las consequências daí inerentes.

Da janela que nos ilumina, vemos o Céu azul, o sol da Liberdade, a verdura em redor. Beleza que estimula o rolar da vida; e ameniza os berros dos dobradores d'O GAIATO, o retinir do telefone, o barulho cadenciado das máquinas d'impressão, as traquinices de pequeninas mãos ocupadas no trabalho — que limpa os males da Rua. Da luz que entra pela janela temos o gosto de saborear, também, outra edição d'O GAIATO, o qual sempre acariciamos religiosamente em nossas mãos pecadoras, com a mesma intensidade d'amor que os pais dedicam aos filhos nascituros. Desta vez com mais razão: fitamos imagens da enorme Família da Obra da Rua; e sabemos como alguns, dos mais afeiçoados à Obra que lhes deu o ser, aguardam esta coluna com redobrado valor



Casamento da Ana e Adérito — na Casa do Gaiato de Lisboa.



Vera Mónica, filha de Joaquim Manuel — da Casa do Gaiato de Lisboa — e de Maria Celeste.



Os filhos da Irene e do Arménio Sajanete — de Paço de Sousa



Ana Lisete, filha da Albertina e do Mârinho — que foi da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa

estimativo — para a sua vida de casal!

A propósito de janelas — e para finalizar — não há muito tempo lemos uma nota de Pai Américo que, de memória, nos pôs sobre o acontecimento: Era um fariseu escandalizado pela quantidade de janelas nos be-

los edifícios da nossa Aldeia, em Paço de Sousa! Sem punhos de renda, com a força da verdade, Pai Américo respondeu logo, à sua maneira: — São mais as janelas das prisões...!

Júlio Mendes

PÁSCOA

Cont. da 1.ª página

Se nós, portugueses, dependemos do Exterior em metade daquilo que comemos, que vamos nós comer se nos falta o crédito ou falha no mundo a paz sem a qual não podemos ir fora buscar o que não temos? Então quê?... Comermos menos, estragarmos nada, produzirmos mais e melhor.

Até agora, a nossa «austeridade» tem sido feita de rasteiras ao burguezinho latente em cada um de nós: diversões e lojas cheias de tudo quanto é bom, não importa se supérfluo, se bens de proveniência estrangeira. O dinheiro desvaloriza... — toca a gastar! E as casas enchem-se, e esvaziam-se, de tantas coisas dispensáveis, sem que a maioria se pergunte como vão viver amanhã os filhos e os netos, como vão eles pagar a factura que hoje se contrai.

O antídoto destes males está no espírito humano. Que é do sentido do Bem-Comum? Qual é o que pensa e constrói sobre este alicerce como quem sabe que não há outro fundamento mais estável, mais seguro para cada um de nós, do que colher do bem de todos o seu próprio bem?!

O espírito humano seria capaz de chegar a esta sabedoria pelas suas forças naturais! Mas não é fácil! Porém, tem outras luzes a iluminá-lo, outras forças a dinamizá-lo. Nós dizemo-nos um Povo cristão. Se em verdade o somos, acreditamos no Evangelho, a Boa-Nova de sempre sem soluções feitas para os problemas de cada tempo, mas com princípios imutáveis que permitem encontrá-las, na salvaguarda da liberdade essencial ao homem. Os egoísmos, individuais ou de grupos, não se curvam nem se estancam por processos colectivizantes. Há uma terapêutica dolorosa e constante que cada qual tem de assumir e aplicar-se: É a paixão que conduz à vida, a da semente que morre para haver nova vida, como Jesus ensinou por palavras e pelo Acto supremo da Sua Paixão.

É Páscoa. É o tempo da apoteose da Vida, definitivamente vitoriosa sobre a Morte, sobre todas as mortes. E se nós procurássemos no Mistério Pascal o segredo, não só da Res-

surreição eterna, mas também das nossas ressurreições temporais?!

Somos um Povo que se diz cristão. Um Povo em risco, como em outros momentos da sua velha História. Um Povo que há-de libertar-se deste risco, fazendo desta urgência a sua obra — **Obra dele, por ele, para ele.**

Nos sistemas, nos seus filósofos, nos seus técnicos, nos seus políticos, resta pouco para crer (e creio que eles próprios se vão desacreditando de si-mesmos). No Povo, sim, vale a pena apostar. Se deveras somos um Povo cristão, acreditamos no Evangelho e renovemos as nossas mentalidades, creditando-O pela procura sincera, vivencial, dos valores que Ele nos propõe, os quais, por serem eternos, são também para o tempo, para todos os tempos da História dos homens.

Se em cada cidadão se puder contar um servidor convicto, por isso mesmo livre e leal servidor do Povo, do seu Bem-Comum — temos um Povo com autoridade, capaz de controlar e verdadeiramente dirigir para este Bem quem for chamado a governá-lo. Por este preço, pago por cada um, o Povo merecerá e terá o Governo que merece.

O nosso hoje nasceu sombrio, é verdade. Mas hoje é Páscoa. A luz de Cristo resplandeceu. É tempo de acreditar na Vida. É tempo para viver.

Padre Carlos

Reflectindo

Cont. da 1.ª página

seus problemas, as suas dificuldades, aproveitando a ocasião de nos mandarem os seus contributos, conosco partilham as suas dores. Para todos, e para estes de uma maneira especial, aqui deixamos os votos de uma Páscoa Santa, neste ano de 1983.

Padre Abel

O assinante 19148, do Porto — que aparece assiduamente — manda, agora, um cheque «com um abraço fraterno», que já retribuimos com amizade. Mais 500\$00 de outro anónimo «para a mãe de oito filhos», entregues no Espelho da Moda, à rua dos Clérigos 54 — Porto. Assinante 33618, também da capital do Norte, 250\$00 e um voto: «São para uma velhinha, pois também sou velha e sei o que custa». Dramas da terceira idade!...

As Viúvas são lembradas, com muito carinho, pelos nossos leitores! E precisam tanto, tanto, de quem lhes dê a mão!... São vidas duras. São calvários dolorosos! Só as paredes conhecem todo o sofrimento!... Aí temos Évora — o nosso Alentejo de planuras sem fim! — com 2.000\$00 «para Viúvas com filhos. Vão em nome de Jesus e por alma de meu pai e duma tia que me criou». Lenda cristã!

Rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa, 1285\$00. «É pouco — afirma esta nossa Amiga — mas foi ganho nuns trabalhos que faço em casa». Maior o seu valor!

Ódivelas, 300\$00 «para a Páscoa dos Pobres e por alma do meu filho e do meu pai». Vilares, 500\$00 e «que Deus nos ajude a todos». Por fim, um cheque de 5.000\$00 do Conselho Central do Porto da Socieda-

de de S. Vicente de Paulo. É um estímulo e um gesto de fraternidade! Tomem lá às nossas mãos ambas! Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Um dia... eu nasci!

Os braços de minha Mãe
Açam-me com zelo
E mal abro os olhos
Já percebo o seu carinho...

— Vai ser António...!
Outro, diz:
— É melhor Joaquim...!
Uma confusão
na escolha do nome!

Depois... silêncio
Em torno do menino,
Enquanto não surge
O que será meu Padrinho.

Por fim, sem tropel,
Com alegria,
Os sinos anunciam
O Baptismo
De mais um Manuel.

Manuel Henriques

PARTILHANDO

■ O caso de que vou falar, é um exemplo de hoje, pouco frequente. Uma mãe tem dois filhos, ainda crianças. Um deles cometeu um erro: aceitou uns cadernos, roubados por um colega da Escola. A mãe descobriu! Veio e disse a verdade! Perante a nudez e a crueza da verdade, o professor tentou evocar a ignorância, possível, para desculpar o filho e acalmar a mãe. Em vão: «O meu filho sabia que os cadernos foram roubados. Merece um castigo!»

Aqui está! Primeiro, a verdade. Segundo, o filho. Terceiro, a educação. Quarto e último lugar — a mãe. A mãe! A primeira pessoa a sentir a vinda do filho no seu ventre... com a alegria da gestação e a dor do parto! A sentir-se com ele, desde o princípio e pela vida fora. A amá-lo com a verdade nas mãos... E a chorar de dor, por ele, como neste caso.

A educação do filho é a razão da verdade da mãe! E ela a deixar-se esconder no último lugar para que o essencial se mostre com toda a força. Assim, conseguiu ela o primeiro lugar. Pela sua coragem em denunciar o erro dos seus, desfazendo as suspeitas sobre outros. Pela verdade to-

da, sem atenuantes fáceis de criar. Pela humildade de aceitar todas as consequências desagradáveis deste acto. Pela lição de mãe e mestra que deu ao professor e aos alunos da nossa Escola. A todos nós! Hoje...!

Hoje, muitos pais fazem o contrário desta mãe. Os filhos! Os seus meninos! Amimados, quantas vezes, pela «doçura» do dar-lhes sempre razão..., destroem, neles, talvez para sempre, a consciência da verdade das coisas. E, então, eles acabarão mesmo por perder sempre a razão. Perdendo a verdade e a educação...

■ Continuando, vem a propósito falar de um reduzido grupo dos nossos mais pequenos: o grupo dos «sem-razão».

O Rui, irmão do Faustino, logo de manhã, após o pequeno-almoço, vem corredor fora apresentar uma queixa contra o chefe-de-mesa que não lhe tinha dado pão.

— Porquê!?, pergunto eu admirado.

— Não sei — responde, ingenuamente injusto.

Vem o chefe e diz:..

— Ele portou-se mal. Atirou o pão fora! E eu castiguei-o sem pão.

Muito bem!

Não deixo passar em branco mais esta negação da razão: — «Não sei».

Sabia, sim senhor!

O «Cebolinha», com lágrimas a correr pela face, faz queixa do chefe-de-mesa que lhe tinha batido. — Porquê!? — pergunto, meio desconfiado. Dá uma razão qualquer, a parecer, mas que não é razão nenhuma. Entretanto vem o chefe e explica: O «Cebolinha» tinha gozado por causa da doença (epilepsia) que lhe dá desmaios, de longe a longe. Ultimamente, em vez de desmaio, alguns usam esta expressão: «Deu-lhe o «badagaio». Não está certo! A doença é dolorosa...! O «Cebolinha» também teve de sofrer um «badagaio». E por respeito da doença dos outros!

Dominguitos e Miguel, a mesma coisa. Coisas simples, sem importância, não fora a «sem-razão» das mesmas. Assim, não! Daí a importância e as consequências respectivas. Sabemos porque sentimos os efeitos do mundo «irracional» e «impessoal» em que vivemos. Por isso, aqui deixo a voz dos «sem-razão» para chamá-los à razão do seu erro pela voz da razão. Uma séria obrigação! A falta de seriedade é falta muito séria!

TRIBUNA DE COIMBRA

● Hoje, domingo, estive em casa. Estivemos todos em casa. Procurei ter uns momentos livres e fui sentar-me num dos bancos do campo a vê-los jogar o futebol. Deliciei-me a ver aquelas vidas cheias de vigor e a crescer.

Enquanto vivia este encanto, outros encantos vieram ter comigo. O primeiro foi o Paulito, de Lamego. Tem seis anos. Já sorri para todos. Os olhos que nas primeiras semanas só faiscavam, agora já são brilhantes de candura. Ele viu matar a mãe e viu-a sofrer muito. Ainda estremece quando vê pessoas estranhas!

Este Paulito procura muito o carinho. Vem conversar muitas vezes comigo. Hoje perguntou-me se também ia às Festas. Descreveu imagens que vê na televisão e que eu não vejo. Fez-me perguntas a que eu não soube responder. Sorriu da minha ignorância.

Temos também o irmãozito mais velho. Tão tristes que eram os dois nos primeiros dias e agora são tão sorridentes! Há dias vieram uns tios visitá-los e eles ficaram muito alheios. Fiquei com vontade de os acarinhar e amar mais. Ajudá-los a esquecer os momentos horroresos por que passaram. Ajudá-los a sorrir e a viver.

● Aproximou-se também o Miguelito, de Angola. Tem sete anos. Chama-me avô. Foi a mãe que, à despedida, em Luanda, disse que ele vinha para o avô. Tem o avô em Portugal, mas não o conhece nem sabe onde mora. Veio há três semanas. Gosta de conversar comigo e sente que já tem muitos amigos. Pergunta muitas coisas e dá respostas com acerto. A mãe é parálitica e tem duas filhinhas. O pai morreu na guerra. Não tem falado na família. Foi acolhido, em Luanda, por Irmãs religiosas e por elas veio para a nossa Casa.

Há dias veio também a mãe com as duas meninas. Encontrei-a na nossa Casa de Lisboa. Foi recolhida, por agora, pela comunidade da Madre Teresa de Calcutá, há pouco fundada em Portugal. As meninas foram recebidas em casa própria, no Porto.

Nos poucos momentos que estive junto da mãe do Miguelito, vi a amargura e incerteza do viver estampadas no seu rosto e nas suas palavras. Já incapaz de qualquer movimento, e tão longe da terra onde nasceu e onde deixou seus familiares, ela tem de viver a saudade dos filhos e a doença que a vai consumindo.

Que pena esta mãe e estes filhos terem de viver tão longe uns dos outros! No Porto. Em Coimbra. Em Setúbal. Em Casas de Caridade. Onde está o direito à vida? Onde está o lugar do doente? Onde está a autêntica protecção à família? Gosto muito das conversas e dos sorrisos do Miguelito e dei-lhe o beijo de sorriso e lágrimas que a mãe lhe mandou.

● O Paulinho veio também juntar-se ao grupo. Chegou, há dias, de Lisboa. Tem cinco anos, olhos muito vivos e cabelo loiro. Na noite em que chegou fez uma seroada de alegria. Gosta de ir para a porta das salas de escola e para as oficinas. Também sabe brincar sozinho.

A mãe do Paulinho diz que foi enganada pelo namoro. Ficou solteira e promete que leva vida séria. É empregada doméstica e os patrões não a aceitam com o filho. Telefona e tem de vir de tão longe ver o menino.

O lugar deste Paulinho (e doutros) não devia ser na Casa do Gaiato. Devia ser junto de sua mãe. Para bem dele e dela. Para bem dos patrões que podem cair no engano de se julgarem senhores.

É tão fácil apaixonarmo-nos por ser servidos e esquecermos o exemplo do Mestre que veio para servir!

Padre Horácio

Retalhos de vida

Helder



Sou o Helder José de Freitas. Nasci em Palmela, a 3 de Agosto de 1969. Estou na Casa do Gaiato de Setúbal há cinco anos.

Quando estava em minha casa, ainda não andava na Escola e não sabia o que fazia. Na Casa do Gaiato ando na quarta classe e sou vendedor de O GALATO, ao domingo, na igreja de S. Paulo; e segunda-feira na Secil e no Outão.

Algum tempo depois de ter chegado à Casa do Gaiato fui chefe dos da erva. Agora, sou padeiro com o Alberto.

Tenho um irmão, na Casa do Gaiato, que já anda no 2.º ano da Telescola. Também é vendedor do jornal.

Quando acabar a Escola quero ser mecânico.

Um grande abraço para todas as pessoas que lêem O GALATO; e desejos de feliz Páscoa.

Helder

■ «Sr. Padre Moura:

Estou muito agradecido por tudo que me disse, pois nesse bocado que estive consigo reconheci que era homem para enfrentar tudo quanto os outros enfrentam.

Como lhe disse que tirei o curso com muitas dificuldades, sei, agora, que essas dificuldades podem desaparecer, porque o que eu tenho é falta de vontade. E essa falta de vontade a partir de hoje vai desfazer-se: porque eu estou em baixo, mas vou subir; porque as suas palavras me deram mais uma força para enfrentar todas as dificuldades que tive até aqui.

Pois se toda a gente as enfrenta, porque não eu?

Como o Padre Moura repetiu que «o Futuro se aproxima», tenho que resolver por minha livre vontade; não quero subir à força, mas sim por mim mesmo.

Se os meus colegas de oficina são capazes de o fazer, também eu o faço sem que seja empurrado a ultrapassar essa dificuldade.

Porque se todos fossem como eu até aqui fui, nada neste mundo se fazia!

Os meus agradecimentos.

Joaquim Pinheiro Fernandes)

Uma carta de dentro para dentro! Fechada, sem franquia nem carimbo dos Correios; colocada em cima da secretária do escritório — e dirigida a mim.

Li, reli e voltei a ler a dita..., com muita alegria — pelo Joaquim, entre nós «Pernalonga». O resto, Deus sabe. Nós, por Ele, para Ele, somos apenas instrumentos ignorantes de transformação do mun-

do e da vida. E já não é pouco...

Padre Moura

O meu mundo imaginário

Acredito que todo o ente humano é amor!

Acredito que viver sem o vigor de algum guru

É não ter medo!

Acredito que a mente

Meditativa e religiosa

É compreensiva e harmoniosa!

Acredito que os animais e a Natureza

São liberdade, perfeição e beleza!

Acredito em espirituais revoluções

E também nas lógicas razões!

Acredito nos jovens pioneiros

Mesmo com qualidades e defeitos!

Podes chamar-me louco.

Mas como eu não há poucos.

Não acredito na educação

Baseada no ciúme, desamor e cor-

[rupção.

Não acredito na orgânica

Em que a vida é mecânica.

Não acredito nos poetas e artistas

Que procuram dinheiro, posição e in-

[trigas.

Não acredito na ambição

Porque gera no coração

Ansiedade, ódio,

Inveja e cólera.

Não acredito no amor estranho

E conflituoso.

Como se o coração

Seja um órgão

Degradante e desonroso.

Não acredito em símbolos

Nem em ídolos

Da rádio, da televisão e do cinema.

Podes chamar-me louco.

Mas como eu não há poucos.

Manuel Amândio

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Março: 48.325 exemplares.